

Apresentação

Por que uns e não outros? é uma versão sintética da minha tese de doutorado em Educação defendida na PUC-Rio. Ela, de forma mais geral, é dirigida a leitores curiosos em compreender as razões que levam pessoas com características comuns – em particular as de origem popular – a construir, muitas vezes, trajetórias sociais distintas. Visa a atingir, também, leitores que buscam uma percepção dos grupos sociais populares e de seus espaços de moradia distinta da expressa no *discurso da ausência*.

Nesse tipo de juízo, os espaços populares e seus moradores são avaliados a partir de parâmetros característicos de outros grupos sociais e classificados, assim, a partir do que *não teriam*. A representação perpetua um conjunto de preconceitos e estereótipos a respeito dos setores populares, que terminam por conduzir as políticas públicas a eles destinadas. O combate a esse tipo de formulação é uma das principais razões para a edição desta publicação. Mas, acima de tudo, ficarei muito feliz se este livro for lido pelos professores da rede pública de ensino que trabalham com os grupos sociais populares, em particular aqueles interessados em ampliar o tempo de permanência dos seus alunos no espaço escolar. Com eles busquei dialogar de forma mais direta e me solidarizo de forma especial.

O eixo da obra é a apresentação dos relatos – e a reflexão sobre eles – de jovens moradores da Maré, a maior favela do Rio de Janeiro, a respeito de suas caminhadas escolares até a universidade. Através da apresentação sintética das trajetórias, espero que o leitor tenha melhores condições de produzir analogias consequentes e abrangentes, a partir de suas experiências particulares.

Transferi para o Apêndice um texto que apresenta as referências teóricas e acadêmicas que sustentam as proposições desenvolvidas no corpo principal do livro. Sua inserção nesse espaço objetivou tornar a leitura mais acessível e leve, sem deixar de garantir o acesso do leitor interessado às referências conceituais que nortearam a minha interpretação do fenômeno tratado. No citado texto, problematizo os pressupostos que sustentaram as análises da desigualdade de desempenho escolar afirmados pelas correntes liberais – que, em geral, responsabilizaram os alunos e/ou suas redes familiares – e os afirmados por integrantes de correntes pedagógicas que, a outra face da mesma moeda, reduziram à instituição escolar a responsabilidade pelo fenômeno.

O pano de fundo das ideias expostas é a noção de cidadania plena, que tornou-se, nos últimos anos, o ponto de partida e de chegada da sociedade brasileira. O grau de plenitude do exercício da cidadania relaciona-se com as formas de inserção do indivíduo no tempo e no espaço sociais. Ele será ampliado de acordo com a capacidade daquele de incorporar ao seu cotidiano fatos manifestos em distintos campos geográficos e sociais, assim como de se interessar pelo passado coletivo e de constituir um projeto, tanto global como pessoal, de futuro.

Uma das contribuições possíveis para o fortalecimento do exercício da cidadania plena é a constituição das instituições escolares, dentre outras, como redes sociopedagógicas. Elas funcionariam como espaços de mediação entre diversos campos sociais, ampliando o campo de possibilidades dos seus alunos. A materialização de uma postura como a sugerida exige que os profissionais da escola busquem apreender cada estudante como ser singular. Reconhecer que ele pensa, interpreta e age de acordo com as

disposições desenvolvidas em sua socialização e, em função disso, das estratégias que constrói e/ou nas quais acredita. Identificá-las e interpretá-las, portanto, é fundamental para a construção de ações pedagógicas adequadas para esse público, no espaço escolar.

Por que uns e não outros? é uma contribuição a mais para esse diagnóstico, iniciativa cúmplice de tantas outras que apontam para novas utopias, e solidária com as escolas e os educadores que contribuem para que elas se façam reais.

Jailson de Souza e Silva